

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



ARTIGO

MEMÓRIA E SABERES INDÍGENAS EM NOVAS LINGUAGENS

Indigenous memory and knowledge in new languages

Memoria y saberes indígenas en nuevas lenguajes

Eunice Dias de Paula

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: xeretyma@uol.com.br

Luiz Gouvêa de Paula

Mestre em Letras e Linguística Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: lused-f@hotmail.com

Como citar este artigo:

PAULA, Eunice Dias de; PAULA, Luiz Gouvêa de. Memória e saberes indígenas em novas linguagens. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. vol. 2, n. 1, p. 73-85, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 2, número 1 (2019)
ISSN 25959026

MEMÓRIA E SABERES INDÍGENAS EM NOVAS LINGUAGENS

Indigenous memory and knowledge in new languages

Memoria y saberes indígenas en nuevas lenguajes

Resumo

Os Apyãwa (Tapirapé) possuem um amplo repertório de narrativas míticas, denominadas xaneypyagy paragetã ‘histórias de nossos ancestrais’. Durante o ato narrativo ocorrem dados singulares (GINZBURG, 1991): a inserção de discursos diretos, a presença de ideofones, a entonação, a mímica, entre outros. Nas narrativas encontram-se traços socioculturais dos Apyãwa, como propõe a Etnossintaxe (ENFIELD, 2002). Nosso objetivo é apresentar como a elaboração de um livro com Histórias em Quadrinhos pelos docentes possibilitou o afloramento de valores socioculturais bem como diversos saberes especializados. As histórias em quadrinhos encontraram lastro num gênero próprio do povo Apyãwa, o que pode explicar a facilidade e o entusiasmo com que os docentes produziram dezenove histórias.

Palavras chave: Apyãwa; narrativas; valores; saberes; Quadrinhos.

Abstract

The Apyãwa (Tapirapé) have a large repertoire of mythical narratives called xaneypyagy paragetã, “stories of our ancestors”. During the narrative acts unique data occur (GINZBURG, 1991): the insertion of direct speech, the presence of ideophones, the intonation, miming and others. In the narratives, socio-cultural traces of the Apyãwa can be found, as proposed by Ethnosyntax (ENFIELD, 2002). Our aim is to present how the making of a comic book, by teachers, helped generate the emergence of socio-cultural values as well as a variety of specialized knowledge. The comic book stories found traction in a genre of the Apyãwa people themselves, which may explain the ease and enthusiasm with which the teachers managed to produce nineteen stories.

Key words: Apyãwa; narratives; values; knowledge; Comics.

Résumé

Les Apyãwa (Tapirapé) ont un large répertoire de récits mythiques, appelés xaneypyagy paragetã, « histoires de nos ancêtres ». Au cours de l’acte narratif se produisent des données singulières (GINZBURG, 1991) : l’insertion de discours directs, la présence d’idéophones, l’intonation, le mime, entre autres. Dans les récits se trouvent des traits socioculturels des Apyãwa, tel que proposé par l’Ethnossyntaxe (ENFIELD, 2002). Notre objectif est de présenter comment l’élaboration d’un livre avec des Bandes Dessinées, par les enseignants, a permis l’affleurement de valeurs socioculturelles, ainsi que plusieurs savoirs spécialisés. Les bandes dessinées ont trouvé un ballast dans un genre propre du peuple Apyãwa, ce qui peut expliquer la facilité et l’enthousiasme des enseignants en produisant ces dix-neuf histoires.

Mots-clés: Apyãwa ; récits, valeurs, savoirs ; Bandes Dessinées.

Introdução

O povo indígena Apyãwa (Tapirapé) passou por um violento processo depopulacional em meados da década de cinquenta do século XX. Acometidos por epidemias antes desconhecidas e por ataques dos Kayapó, aldeias inteiras se extinguíram. Após um destes ataques em 1947, houve uma dispersão do povo, sendo que um dos grupos foi realocado pelo S.P.I. (Serviço de Proteção ao Índio) na região da foz do Rio Tapirapé, afluente do Rio Araguaia (BALDUS, 1970; WAGLEY, 1988). Posteriormente, outros grupos se juntaram a este. Conseguiram se reorganizar socialmente e a população aumentou consideravelmente desde então. Hoje habitam em duas terras indígenas: Área Indígena Tapirapé-Karajá e Terra Indígena Urubu Branco, ambas na região nordeste do Estado de Mato Grosso. Embora conhecidos na literatura antropológica e linguística como Tapirapé, o termo autodesignativo desde povo é Apyãwa (PAULA, 2014). Assim, utilizamos neste trabalho o etnônimo Apyãwa, enquanto a língua é referida como tapirapé, de acordo com a classificação de Rodrigues (1986).

A presença da Escola foi solicitada pelos Apyãwa nos anos setenta, momento em que estavam empenhados na luta pela demarcação da Área Indígena Tapirapé-Karajá. Os Apyãwa constituíam um povo que estava em franca recuperação demográfica e sociocultural e a escola precisava ser pensada de um modo articulado a este processo de afirmação étnica. A participação das Irmãzinhas de Jesus¹ foi essencial para que a Escola não se constituísse um corpo estranho dentro da aldeia, mas se tornasse uma instituição inserida no modo de ser dos Apyãwa. Elas contribuíram sobremaneira com a pesquisa linguística que faziam sob a orientação da Dra. Yonne Leite, do Museu Nacional – UFRJ, pesquisadora que iniciou o estudo da língua tapirapé em 1967. Estes estudos, aliados à pesquisa etnográfica e pedagógica realizada por Antônio Carlos Moura e Ilda Pires² permitiram a elaboração de uma proposta ortográfica da língua, bem como a seleção dos temas geradores que iriam orientar o processo de aquisição da escrita. A questão de qual língua seria a língua do processo de alfabetização se colocou desde o primeiro momento e necessitou ser discutida com os alunos, jovens e adultos que participariam das aulas. Nós, na condição de professores, bem como as Irmãzinhas, tínhamos convicção de que o processo seria mais adequado se realizado na língua

¹ Religiosas católicas da Fraternidade de Jesus, ordem de origem francesa. Convivem com os Apyãwa desde 1952.

² Agentes de Pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia, especialistas na metodologia paulofreiriana.

indígena, por motivos culturais, psicológicos, linguísticos e políticos, pois sabíamos dos grupos que deixaram de usar a própria língua devido à imposição do Português. Esses questionamentos foram debatidos com eles. Entretanto, os Apyãwa ponderavam que seria demorado demais, pois os professores não dominavam a língua. Porém, logo que as atividades escolares se iniciaram, em setembro de 1973, essa opinião mudou, pois, o processo pedagógico fundamentado nos princípios de Paulo Freire, levou os alunos a tomarem parte ativa no desenrolar dos trabalhos em sala de aula. Os temas geradores eram debatidos e escritos em Tapirapé e diziam respeito à realidade vivida por eles. Os debates aconteciam em Tapirapé, os textos escritos também e, em seguida, traduzidos oralmente para nós, o que possibilitou um mútuo aprendizado: íamos adquirindo a língua tapirapé, informações sobre a cultura e sobre a história do povo e os alunos, além da escrita em sua própria língua, iam exercitando a oralidade em Português. Posteriormente, quando já haviam dominado a escrita em Tapirapé, foi introduzido o estudo sistemático da língua portuguesa. A língua originária, porém, não deixou de ser usada, tanto na modalidade escrita como na falada.

Hoje, decorridos 43 anos da implantação da Escola, o processo de aquisição da escrita continua a ser feito em língua tapirapé e os estudos de Português são realizados na perspectiva de aprendizado de uma segunda língua. Há duas escolas estaduais, uma na Aldeia Majtyritãwa, Área Indígena Tapirapé-Karajá, município de Santa Terezinha, MT e outra na aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT, com salas anexas em cada uma das seis aldeias localizadas nesta Terra Indígena. Os docentes e as equipes gestoras das Escolas são todos membros da etnia Apyãwa e possuem o curso superior oferecido pelas Licenciaturas Interculturais da UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso) e da UFG (Universidade Federal de Goiás).

A UNEMAT tem apoiado a formação continuada dos docentes através do Projeto de Extensão “Formação continuada de professores Tapirapé: produção de saberes, práticas e material de apoio didático/pedagógico no contexto da escola”, aprovado pelo Edital ProExt - 2015. As oficinas de formação também acontecem com o apoio do Projeto de Pesquisa “A Educação do Povo *Apyãwa*/Tapirapé – investigação e registro de um processo”, promovido pela UNEMAT e aprovado pelo Edital 005/2015 - FAPEMAT. Durante as oficinas realizadas em 2015 e 2016 foi elaborado o livro de História em Quadrinhos “Marageta'ieyjete” que pode ser traduzido como Historinhas Divertidas. Nosso propósito neste trabalho é apresentar como as narrativas mitológicas transmitidas desde os tempos ancestrais bem como a criatividade

narrativa manifestada como arte literária ficcional e pictográfica encontraram um novo espaço de circulação com a introdução do gênero constituído pelas histórias em quadrinhos.

O lugar das narrativas na sociedade Apyãwa

A sociedade Apyãwa possui um repertório considerável de narrativas míticas. O ato de narrar os fatos ancestrais se constitui como uma atividade diretamente governada por regras de uso da fala. Entre os Apyãwa, nem todas as pessoas são autorizadas a dar voz aos mitos. Os velhos (pessoas com mais de 60 anos) são reconhecidos socialmente com autoridade para narrar os mitos. Em geral, são os avôs e avós que contam as histórias para seu círculo familiar (a família extensa), preferencialmente ao anoitecer, quando as pessoas da casa já estão acomodadas em suas redes ou camas. As pessoas que ouvem, participam do ato narrativo, emitindo de tempos em tempos interjeições assertivas ou mesmo fazendo perguntas ao narrador, marcando, dessa forma, uma interação com a pessoa que narra. Vemos, portanto, que há normas interacionais próprias ao ato narrativo e que o número de participantes pode variar. Em geral, as pessoas que ouvem o narrador de mitos pertençam ao círculo da família extensa e compartilhem o mesmo sistema de crenças (HYMES, 1986).

Na taxionomia própria dos Apyãwa, as narrativas são reconhecidas como um gênero literário específico, denominadas *maragetã* ou *xaneypy agy paragetã* ‘histórias de nossos ancestrais’, o que demonstra o seu *status* nessa sociedade.

Para os Apyãwa, as narrativas mitológicas não são apenas relatos de fatos fantásticos acontecidos no passado, uma vez que cumprem, ainda hoje, o papel de explicar as origens, os padrões ideais de comportamento, o porquê de se organizar a sociedade de determinada maneira, as regras para se viver bem. Portanto, com compreender o mito como componente cultural, pois estão muito presentes na vida diária dos atuais Apyãwa. São atualizados a cada vez que se realizam os rituais, mas também são rememorados em acontecimentos cotidianos, como por ocasião do resguardo pós-parto, prescrito para o pai e a mãe de um bebê. Haverá sempre uma mãe ou avó que explicará para o jovem casal porque é necessário guardar o resguardo, lembrando a história mítica que deu origem a esse comportamento.

Os mitos pertencem ao domínio comum da maioria dos adultos, embora, como citado anteriormente, para o ato de contar, recorra-se aos velhos, que na hierarquia sociocultural são reconhecidos como pessoas conhecedoras, pessoas com sabedoria.

A elaboração do livro de Histórias em Quadrinhos

O livro Marageta'ieyjete foi produzido em quatro oficinas realizadas em 2015 e em 2016³, na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, envolvendo cerca de quarenta docentes da Terra Indígena Urubu Branco. Inicialmente, discutiu-se a relação entre a língua tapirapé e a língua portuguesa nas atividades desenvolvidas na Escola. Os docentes Apyãwa estão empenhados num trabalho de manutenção da própria língua, uma vez que têm consciência do risco que as línguas indígenas sofrem no contato com o Português, a língua da sociedade dominante, que chega com muita força e prestígio. A proposta de se produzir um livro de história em quadrinhos na própria língua veio ao encontro a essa aspiração dos docentes e da comunidade Apyãwa.

Os elementos teóricos da produção de quadrinhos foram oferecidos ao grupo de professores e professoras que, de posse destes elementos, trabalharam em duplas ou em trios para produzir as histórias. Inicialmente, produziram um roteiro da história em Português e em Tapirapé, como ilustra o exemplo a seguir:

Quadro 01: Roteiro de uma história em quadrinhos

Historinha de Caçador – Ataaramõ haãwa

Problema: O rapaz saiu com a flecha para caçar porcão.

- 1- Ao chegar na mata, o rapaz encontra os porcões. Ele fica feliz e tenta matar um.
- 2- O rapaz chega perto e os porcões correm. O rapaz tenta matar um porcão com a flecha.
- 3- O rapaz encontra o mutum na árvore.
- 4- O rapaz flecha o mutum e fica calmo.
- 5- Na volta o rapaz chegou triste porque não conseguiu matar o porcão.

Ataãramo aa ma'e paragetã

Awa'yao mĩ weraã ataararamõ o'ywa apape. A'egã raka aryaryp ixokamatãta amõ.

³ Participaram das oficinas a Dra. Lucimar Luísa Ferreira (FANAP, GO) e o Dr. Adailton Alves da Silva, da UNEMAT, coordenador dos Projetos que apoiaram o trabalho realizado em análise.

Ka'ã pe awaema aawo mĩ iexãki taxao. Axeyype ha ramõ taxao iyj ixowi. Awa'yao axokamatãt taxao o'ywa pe.

Awa'yao awaem mytõ we. Awa'yao aywõ mytõ, a'eramõ ixemamiki.

Axewyta 'ota awa'yao iwaemi axinyka ramõ, taxaokae'yma.

Dupla: Josimar Xawapare'yumi Tapirapé e Makato Tapirapé

Fonte: Acervo do Projeto de Extensão “Formação continuada de professores Tapirapé: produção de saberes, práticas e material de apoio didático/pedagógico no contexto da escola”, UNEMAT, 2015.

Após a preparação do roteiro, os docentes se dedicaram à criação artística das histórias, uma vez que o gênero História em Quadrinhos pressupõe a união entre texto e imagem. O texto descritivo do roteiro foi transformado em linguagem coloquial, dialógica, espacialmente distribuída nos quadrinhos de forma a indicar turno de fala, participação de um narrador ou algum som relativo à cena desenhada. A história do Caçador (Fig. 1), produzida a partir do roteiro apresentado, ficou assim:

Figura 01: História do Caçador, Ataaramõ Haãwa



Fonte: Livro *Marageta'ieyete* (2016).

O processo de elaboração do livro ainda exigiu uma cuidadosa revisão não só da ortografia, mas também da adequação de termos e conceitos utilizados pelos autores. A revisão foi feita de modo coletivo envolvendo todos os autores das histórias. Dessa forma, o

processo de produção das historinhas se constituiu em um profícuo momento de reflexão sobre a língua tapirapé e sua escrita, ajudando a sedimentar uma ortografia mais unificada, agregando maior solidez a esta língua tão fragilizada diante do Português. A conjugação entre textos e imagens imprimiu nova força ao ato de narrar, aproximando a narrativa escrita, introduzida recentemente, da ancestral narrativa oral Apyãwa, abrindo novas frestas por onde pode fluir mais prazer no ato de leitura (BARTHES,1987).

Saberes e narrativas presentes nas histórias

As histórias produzidas pelos docentes revelam, com riqueza de detalhes etnográficos, concepções, valores e ideais que organizam a sociedade Apyãwa. Na história acima apresentada vemos uma atividade comum aos homens, a caçada. Primeiramente, o rapaz tenta caçar o porco queixada, caça preferencial dos Apyãwa. Como não conseguiu, ele flecha um mutum e fica em parte satisfeito, mas continua frustrado por não ter conseguido o porco queixada. É notável que haja um diálogo entre ele e os porcos: *_Aare! Peapãp tã xewi !?* ‘_Epa, vocês vão todos embora de mim?’ O personagem também dialoga com o mutum: *_Araawyo nẽ. Kwyt xok! Y’y!* ‘_Eu vou te flechar!’ seguindo-se sons onomatopaicos que exprimem a flecha indo até o mutum, depois atingindo o mutum e a satisfação do caçador.

O diálogo de personagens humanos e outros seres vivos acontece também na primeira história, *Paxẽ mayga ne*, que mostra a relação do pajé com as plantas medicinais. Ele conversa com as plantas, que lhe respondem indicando que males podem curar! O pajé é detentor de um saber especializado que possibilita este tipo de interação entre ele e os vegetais. A história nº 07, *Tawie’i Arakori ne*, apresenta um pescador que encontra a galinha d’água na beira de um lago onde vai pescar e a trata como um companheiro, *xeirõ*. Ele também dialoga com a ave e, no final, dá a ela os peixes pescados, comportamento típico de companheiros de pescaria que podem ofertar peixes entre si!

As histórias nº 08 e a nº 19 constituem excertos de mitos. A primeira, intitulada *Mykora*, remete à narrativa que versa sobre a relação entre genros e sogros. Na sociedade Apyãwa existem regras de evitação, isto é, um genro não pode dirigir-se diretamente ao sogro que, do mesmo modo, também não se dirige a ele. As intermediações são feitas através das filhas casadas. A outra história, *Xawaroo Tamanowã ne*, narra uma briga que houve entre a

onça e o tamanduá, na qual a primeira teve os olhos arrancados. O tamanduá explica à onça que a perfuração do olho é em pagamento de outro ato violento por parte dela que resultou em ferimentos nas costas dele. Por isso, ele tem listras nas costas. Mesmo em se tratando de dois animais, o tratamento usado nos diálogos entre eles é *tywã*, palavra que pode ser traduzida como amigo. A metáfora das relações entre os animais pode ser transferida para a esfera dos humanos. Na vida cotidiana, alguém que foi machucado ou ofendido por outro também pode exigir alguma forma de pagamento pela ofensa ou pelo ferimento. Frequentemente, os pais tomam a iniciativa e oferecem presentes a alguma criança que sofreu agressão por parte de seus filhos.

As histórias nº 11, 13 e 16 abordam outras atividades do cotidiano. *Tamakorã apaãwa* relata o processo de confecção dos *tamakorã*, adorno utilizado nas cerimônias rituais, necessário para se poder usar as elaboradas pinturas corporais. Esta atividade está relacionada às narrativas míticas que explicam o surgimento dos adornos e das pinturas. O uso dos adornos está estreitamente ligado a uma narrativa mítica que relata a história de *Makaxiwewe*, um garoto cujo pai foi morto e devorado por um povo que tinha costumes canibais. Antes de morrer, o pai cantava todas as músicas que compõem o repertório cantado até hoje na cerimônia da festa de rapaz denominada *Marakayja*. O filho aprendeu as músicas e ficava cantando-as em cima de uma grande pedra, sentindo saudades do pai. Os Apyãwa, que estavam caçando na mata, ouviram-no e o trouxeram para a aldeia, também com a intenção de matá-lo. Entretanto, o rapaz conseguiu protelar a sua execução, dizendo que tinha que fazer primeiro a sua festa de rapaz. E assim aconteceu, ele preparou todos os enfeites que o rapaz usa e cantava sozinho as músicas. No final, ele conseguiu escapar, voando para o céu e os Apyãwa ficaram com o legado das músicas próprias do ritual de *Marakayja* bem como com os adornos corporais próprios do rapaz (TAPIRAPÉ, Júlio César, 2009).

A história nº 13, *Pa'akãwa* se refere ao desmame, um acontecimento ritualizado na sociedade Apyãwa, marcando a primeira passagem significativa da vida de uma criança. A partir de então, ela deixará a primeira fase de sua vida, classificada como *pityga* e passará a ser tratada como *kotatai* ou *atai* 'menina' e *konomĩ* ou *namĩ* 'menino'. Para essa cerimônia, a criança recebe pinturas corporais elaboradas e usará todos os adornos corporais, inclusive as penugens de pato coladas ao corpo com resina. A partir de então, a criança poderá comer outros alimentos e gozará de maior liberdade, podendo andar pela aldeia com seus irmãos e irmãs maiores. Na história é digno de nota a primeira fala da mãe ao seu filhinho: *Axeiwe*

erepa'ak xikoj'i 'Amanhã, você vai desmamar, menininho'. Ela anuncia o desmame ao filho conferindo a ele a agentividade do ato, ou seja, ele é considerado como uma pessoa dotada de responsabilidade. Esta fala desvela um princípio pedagógico dos Apyãwa, que não infantilizam suas crianças, mas as consideram como pessoas com autonomia.

A história nº 16 trata do *Xigy*, pescaria coletiva com timbó feita de modo ritualizado. São mostradas todas as fases desta pescaria, desde o convite inicial, a escolha do lago, o corte dos timbós, o ato de bater o timbó, o moqueamento dos peixes e o fabrico da farinha de peixe, atividade feminina. Os trabalhos na sociedade Apyãwa são divididos por gênero, havendo tarefas assumidas exclusivamente pelos homens e outras pelas mulheres.

Há histórias com personagens representados por aves (nº 02, 05, 06, 09 e 10). A singularidade deste dado remete ao fato de os Apyãwa se auto designarem metaforicamente como *Wyrã* 'Aves'. As metades que compõem a sociedade são chamadas de *Wyraxiga* 'garça' e *Taraweo* 'um tipo de papagaio'. Os cantos entoados durante ritual de *Ka'o* foram aprendidos com os pássaros (TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira'i, 2006).

Como se pode constatar, as pistas presentes na linguagem permitiram o desvelamento de valores e ideais marcantes da sociedade Apyãwa. Destacamos a relevância da Etnossintaxe, uma vez que esta linha teórica aborda os fenômenos linguísticos como possuidores de traços capazes de revelar as organizações sociais de uma dada sociedade e mostrar seus valores e ideais, como sintetiza Enfield (2002):

A gramática é expandida com os significados culturais. Codificados na semântica da gramática nós encontramos valores culturais e ideias, encontramos indícios sobre as estruturas sociais que os falantes mantêm, encontramos evidências historicamente relevantes, de um lado e, por outro, reveladoras da organização social das comunidades de fala (2002, p. 3).

Dessa forma, a língua é vista como muito mais do que um mero conjunto de formas organizadas segundo regras específicas. O uso das formas, o seu conteúdo semântico, a criação de novas formas através de processos metafóricos e metonímicos têm muito a ver com as regras sociais, com a maneira de organizar e ver o mundo, com os valores culturais presentes em diferentes sociedades, nas quais se refletem processos históricos vivenciados de diversas formas.

A Etnossintaxe também nos permitiu visualizar como as relações entre humanos e os outros seres vivos (vegetais e animais) são concebidas de um modo bastante diferente do que

o pensamento ocidentalizado. O pensamento ameríndio, como destacou Viveiros de Castro (1996), categoriza estes seres como sujeitos dotados de outras corporeidades. Por isso, é possível conversar com eles, tratá-los como amigos ou companheiros. Esta forma de relacionamento pode ser entendida a partir do perspectivismo, e na perspectiva deste autor este tema se deve à:

[...] numerosas referências, na etnografia amazônica, a uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos vêem os animais e outras subjetividades que povoam o universo – deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos -, é profundamente diferente do modo como esses seres os vêem e se vêem (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 2).

Assim, podemos compreender porque os Apyãwa se dedicam a manter boas relações com estes outros seres, já que eles são considerados sujeitos, mesmo que assumam outras corporeidades. O desenho da quarta capa do livro *Marageta'ieyjete* mostra, de modo exemplar, estas relações: conversando, estão um jabuti visto como moça e com os adornos corporais adequados a esta fase da vida, um jaburu e uma vespa também usando adornos corporais.

Figura 2: Desenho da quarta capa



Fonte: Bismark Warinimytã Tapirapé. In: *Marageta'ieyjete*, 2016.

Eunice Dias de Paula. Luiz Gouvêa de Paula

83

Considerações Finais

O gênero História em Quadrinhos veio ao encontro de uma rica tradição cultural expressa em uma linguagem muito especial, condensada nas narrativas orais transmitidas de geração em geração. Assim, os ideofones, as falas especializadas, formas de tratamento, princípios e valores da cosmovisão dos Apyãwa aparecem nas histórias, retomando o estilo das narrativas ancestrais, agora, de forma impressa, conferindo maior *status* à língua indígena, aumentando o seu prestígio e possibilitando a sua circulação entre todos os leitores de *Apyãwa xe'ega*, a língua tapirapé. Um gênero que se apresenta em forma oral pode também ser expresso em forma escrita e desenhada. Somado ao humor, uma característica acentuada nas narrativas Apyãwa, o livro *Marageta'ieyjete* entra para o acervo cultural deste povo, abrindo novos espaços para a fruição da leitura.

Destacamos a pertinência do referencial teórico constituído pela Etnossintaxe que permitiu uma compreensão semântica mais profunda que as palavras e imagens trouxeram à tona. Por meio dos dados singulares nelas presentes, foi possível visualizar valores, ideais e traços marcantes do modo de ser dos Apyãwa. O perspectivismo ameríndio defendido por Viveiros de Castro (1996) aponta o modo de relacionamento entre os Apyãwa e os outros seres vivos presentes na vida cotidiana, como os vegetais e os animais.

Por fim, ressaltamos o envolvimento e o entusiasmo dos docentes Apyãwa durante o processo de produção do livro de história em quadrinhos, o que permite afirmar a relevância que este gênero, mesmo oriundo de um outro contexto cultural, pode assumir nas escolas indígenas. A possibilidade de as histórias circularem na comunidade permite que a língua indígena, na modalidade escrita, alcance um número maior de leitores, o que contribui para sua vitalidade.

Referências

BALDUS, Herbert. **Tapirapé** – Tribo tupi no Brasil Central. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

ENFIELD, N. J. Ethnosyntax: Introduction. In: ENFIELD, N. J. (Ed.). **Ethnosyntax: Explorations in grammar & culture**. London: Oxford University Press, 2002.

FERREIRA, Lucimar Luisa et al. (Org.) **Marageta`ieyjete**. Tangará da Serra: Ideias, 2016.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, John J.;

HYMES, Dell (Eds.). *Directions in sociolinguistics – the ethnography of communication*. New York: Basil Blackwell Inc., 1986.

PAULA, Eunice Dias de. **A Língua dos Apyãwa** – Tapirapé na perspectiva da Etnossintaxe. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendaju, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras** – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SCHADEN, Egon. **A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1989.

TAPIRAPÉ, Júlio César Tawy’i. **Ritual de iniciação masculina do povo Tapirapé**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura – Habilitação em Ciências Sociais apresentada à UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, Campus de Barra do Bugres, MT, 2009.

TAPIRAPÉ, Nivaldo Korira’i. **Ka’o**: a festa dos pássaros. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura – Habilitação em Ciências Sociais apresentada à UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso, Campus de Barra do Bugres, MT, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* - Estudos de Antropologia Social. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social** – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1996.

WAGLEY, Charles. **Lágrimas de Boas Vindas** – os índios Tapirapé do Brasil Central. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1988.

Recebido: 30/08/2016

Aprovado: 10/06/2017

Publicado: 30/06/2019